

# TRADUZIR A LITERATURA DE VIAGEM FRANCESA AO BRASIL QUINHENTISTA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Alexandrino de Souza<sup>1</sup>

## Resumo

Como se sabe, a primeira literatura sobre o Brasil não foi escrita pelos descobridores portugueses, mas pelos pretendentes colonizadores franceses. Abstraindo-se a Carta de Pero Vaz de Caminha, informe curto e superficial, em que pese suas qualidades literárias, somente redescoberto e publicado no século XIX, os primeiros livros sobre o Brasil nasceram da tentativa malograda de fundação de uma colônia francesa na Baía de Guanabara, entre 1550 e 1560, sob o comando de Nicolas Durand de Villegagnon. São eles *As singularidades da França Antártica*, de André Thevet (Paris, 1557), e a *Historia de uma viagem feita à terra do Brasil* (Genebra, 1578), de Jean de Léry. O objetivo desta comunicação é relatar a experiência de traduzir uma narrativa de uma (suposta) primeira viagem de Thevet ao Brasil, em que ele descreve não apenas o litoral, mas também o Brejo paraibano e o Agreste pernambucano. É talvez a primeira descrição do interior nordestino escrita por um europeu. Deixado em estado de manuscrito, as edições francesas do texto datam do século XX, mas ele permanece inédito em língua portuguesa. Feita a tradução, mas ainda não publicada, pretende-se relatar as dificuldades em traduzir o francês do século XVI e as adaptações que se fizeram necessárias, a fim de dar legibilidade e acessibilidade ao leitor de língua portuguesa, especialmente ao público brasileiro.

Palavras-chave: Literatura apodêmica; André Thevet; Viajantes franceses

## 1. Introdução

Como se sabe, a primeira literatura sobre o Brasil não foi escrita pelos descobridores portugueses, mas pelos pretendentes colonizadores franceses. Abstraindo-se a Carta de Pero Vaz de Caminha, informe curto e superficial, em que pese suas qualidades literárias, somente redescoberto e publicado no século XIX, os primeiros livros sobre o Brasil nasceram da tentativa malograda de fundação de uma colônia francesa na Baía de Guanabara, entre 1550 e 1560, sob o comando de Nicolas Durand de Villegagnon. São eles: *As singularidades da França Antártica*, de André Thevet (Paris, 1557), e a *História de uma viagem feita à terra do Brasil* (Genebra, 1578), de Jean de Léry. O primeiro deles, uma pequena enciclopédia sobre o Brasil, sua gente, bichos e plantas, além de narrativa de viagem, foi publicado cerca de duas décadas *antes* da *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero de

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba

Magalhães de Gândavo (Lisboa, 1576), o primeiro livro sobre o país escrito por um português.

O objetivo deste artigo é relatar a experiência de traduzir a narrativa de uma viagem de Thevet ao Brasil, supostamente anterior ao episódio da França Antártica. É talvez a primeira descrição do interior das terras nordestinas escrita por um europeu. Deixado em estado de manuscrito, o texto foi primeiramente publicado na França no início dos anos 1950 e, mais recentemente, na década passada, mas permanece inédito em língua portuguesa. Pretende-se relatar as dificuldades em traduzir o francês do século XVI e as adaptações que se fizeram necessárias, a fim de dar legibilidade e acessibilidade ao leitor de língua portuguesa, especialmente ao público brasileiro. Antes, porém, algumas informações biobibliográficas são oportunas, a fim de contextualizar a discussão.

## 2. O autor

Em alguns aspectos, a biografia de André Thevet (1516-1592) se assemelha à trajetória de Lucien de Rubempré, o protagonista de *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac. Além de enorme ambição, os dois personagens (um real, outro fictício) tinham em comum a mesma origem interiorana: a pequena Angoulême, no sudoeste francês. Contudo, Thevet não hesitou em lançar mão de expedientes pouco ortodoxos para obter sucesso na carreira, diferentemente de Rubempré, que viu suas ilusões literárias caírem por terra, à medida que entrava em contato com a dura realidade dos meios jornalísticos e literários parisienses. Não muito habilidoso com a palavra escrita, Thevet, então apenas um monge franciscano aspirante a cosmógrafo, contratou escritores-fantasma (“*nègres littéraires*”) para escrever seus livros, o que lhe rendeu processos judiciais e inimigos raivosos. Depois da publicação da primeira obra, *Cosmografia do Levante* (1554)<sup>2</sup>, ele foi convidado a integrar a expedição que fundaria uma colônia francesa no Rio de Janeiro. De volta à França, publicou o primeiro livro sobre o Brasil escrito por um europeu, anteriormente citado. Dezessete anos depois, lançaria aquela que ele considerava sua obra maior, a *Cosmografia universal* (1575), mas o livro (um grosso in-

---

<sup>2</sup> Primeira viagem fora da Europa, Thevet empreende sua peregrinação à Terra Santa, graças à generosidade de um de seus protetores, o cardeal de Lorraine, membro de um dos clãs então mais poderosos da vida política e religiosa da França, os Guise. Partindo de Veneza, em julho de 1549, o cosmógrafo percorre a Eslovênia, Creta, diversas ilhas gregas, Turquia, Egito, Arábia, Palestina, Síria, Chipre, Sardenha, Córsega, até regressar à França, via Marseille, dois anos e meio depois, em 1552. Alguns biógrafos, como Jean Adhémar, defendem a tese segundo a qual o verdadeiro objetivo da viagem de Thevet era espionar as embaixadas francesas no exterior, a pretexto de peregrinação religiosa.

*folio* com mais de mil páginas, ricamente ilustradas) marcaria o começo da fase mais aguda de sua desgraça intelectual. Acusado de “mentir cosmograficamente” por Jean de Léry, por ter inventado uma cidade, Henriville, antes mesmo da fundação do Rio de Janeiro, além de ter difamado a missão protestante enviada por Calvino ao Rio, a pedido de Villegagnon, da qual fazia parte o próprio Léry, então um jovem estudante de teologia e sapateiro de ofício, Thevet foi um dos alvos preferenciais do lobby protestante urdido em Genebra e destinado a vingar a memória dos protestantes barbaramente assassinados pelos espanhóis na Flórida em 1565. O cosmógrafo também foi ridicularizado por descrever as Amazonas brasileiras, com um misto de ingênuza credulidade e má fé científica, em uma época em que já se sabia que elas não passavam de seres imaginários.

Além disso, Thevet era hispanófilo e defendia a legitimidade dos métodos impositivos de colonização postos em prática pelos espanhóis na América. Thevet foi acusado por diversos eruditos da época de falsidade ideológica, incompetência geográfica e desonestidade intelectual. Diziam que a maior parte de suas descrições não era autêntica, por autópsia (etimologicamente: “ver com os próprios olhos”), mas fruto da apropriação de relatos de informantes. Até Michel de Montaigne (1533-1592), o escritor francês que escreveu um ensaio dedicado à defesa dos índios brasileiros (“Dos canibais”, I, 31), então acusados de serem bárbaros e selvagens, mostrou reservas em relação ao testemunho dos cosmógrafos da época, argumentando que o conhecimento deles era superficial; em clara alusão à Thevet, cuja *Cosmografia do Levante* descrevia sua peregrinação à Terra Santa, ou seja, à Palestina, o autor dos *Ensaio*s diz preferir os topógrafos aos cosmógrafos, pois esses “tendo sobre nós a vantagem de terem visto a Palestina, querem desfrutar o privilégio de nos dar notícias de todo o restante do mundo. Desse vício surgem muitos grandes inconvenientes” (MONTAIGNE, 2002, p. 307). No caso do Brasil, os informantes de Thevet eram pilotos e marinheiros que viajavam com frequência ao país, em busca de pau-brasil; há relatos segundo os quais grumetes, e até crianças, eram deixados temporariamente entre os índios, a fim de mais rapidamente aprenderem a língua, facilitando as negociações comerciais e as alianças políticas. Thevet publicaria sua última obra em 1584, uma prosopografia (galeria de retratos comentados de grandes homens), *Les Vrais Pourtraicts et Vies des Hommes Illustres*. A originalidade desta obra consistiu em incluir seis “reis” ameríndios, dentre os quais dois brasileiros, na galeria de homens ilustres, ao lado de generais, estadistas, escritores,

diplomatas, cientistas gregos e latinos antigos, e europeus contemporâneos. Os dois líderes indígenas brasileiros são: Cunhambebe, lendário cacique tupinambá da região litorânea entre Rio e São Paulo (de passagem, diga-se que Hans Staden escapou de ser devorado por ele, conforme relata em seu livro<sup>3</sup>), e um cacique indígena nordestino, “rei do Promontório dos Canibais”, isto é, do Cabo de Santo Agostinho, ao sul do Recife: Nacolabsou. Anteriormente, na *Cosmografia universal*, ele havia falado e publicado uma gravura de Tarizich, outro “rei” do mesmo promontório<sup>4</sup>. O cosmógrafo deixou duas obras enciclopédicas inacabadas: o *Grand Insulaire et Pilotage*, contendo centenas de mapas de ilhas de todo o mundo, inclusive a polêmica e imaginária “Isle de Thevet”, supostamente situada a “28 graus de latitude austral”, na costa brasileira.

A última obra, cujos capítulos relativos ao Nordeste são o objeto de nossa tradução e deste artigo, é uma espécie de súpula dos conhecimentos sobre o Brasil. Trata-se de uma ampliação das *Singularidades da França Antártica*. O livro reelabora a experiência da primeira colônia francesa e acrescenta o relato de uma (suposta) primeira viagem de Thevet ao Brasil. Ele teria acompanhado o piloto e cosmógrafo Guillaume Le Testu, quando este veio, de fato, fazer o levantamento cartográfico do litoral brasileiro, para compor sua *Cosmographie universelle*, ofertada ao almirante Gaspard de Coligny, em 1555, antes da partida de Villegagnon ao Brasil<sup>5</sup>. Segundo Frank Lestringant, reconhecidamente uma das maiores autoridades no assunto e autor da biografia de referência, esta primeira viagem foi inventada, como reação às críticas contundentes lançadas por Léry e endossadas pelo *front* protestante de Genebra, em diversas publicações. Uma vez que o pastor protestante só fez uma única viagem, Thevet pretenderia fazer valer a superioridade de seus conhecimentos brasileiros pelo fato de ter supostamente feito duas viagens ao Brasil. Apesar de não haver indícios consistentes de sua realização, não é possível categoricamente negar, no estágio atual das pesquisas, que esta primeira viagem tenha de fato acontecido.

O interesse do texto vai além da questão biográfica. Tendo em vista a trajetória atribulada do personagem e seus métodos pouco ortodoxos de produção intelectual o mais provável é que Thevet tenha se servido de informações de franceses que se

---

<sup>3</sup> Nus, *féroces et anthropophages*. Paris, Seuil, 1979.

<sup>4</sup> A propósito, apresentamos a comunicação « Trucage et innovation chez André Thevet: le cas du “roy du Promontoire des Cannibales » », no congresso “Amérindianités et savoirs”, acontecido na Universidade de Poitiers, entre 19 e 21 de março de 2014.

<sup>5</sup> Le Testu, Guillaume. *La Cosmographie Universelle*. Édition Frank Lestringant. Paris, Arthaud, 2014.

aventuraram pelo interior das terras nordestinas, sobretudo marinheiros, pilotos e grumetes. O cosmógrafo diz que as incursões eram guiadas por índios e que eram motivadas pelo desejo de encontrar metais (ouro, prata), pedras preciosas e corantes (pau-brasil, cochonilha etc.) etc. As montanhas eram lugares particularmente procurados, em função da crença segundo a qual lá havia riquezas minerais.

### 3. O texto

O título completo da obra que traduzimos parcialmente é *Histoire d'André Thevet Angoumoisins, Cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faitz aux Indes Australes, et Occidentales*. Ou seja: *História de duas viagens às Índias Austrais e Ocidentais feitas por André Thevet, natural de Angoulême e cosmógrafo do rei*. Além de conter a relação comentada dos principais rios, ancoradouros, enseadas e praias do litoral dos estados de Pernambuco e Paraíba, a *História de duas viagens* (doravante *H2V*) descreve parte do interior desses dois estados nordestinos. Ela foi provavelmente escrita por volta de 1585, nos primeiros anos da União Ibérica, quando Portugal e suas colônias passaram ao domínio espanhol, em decorrência da crise gerada pela morte de D. Sebastião e a consequente disputa pelo trono português entre D. António, o Prior do Crato, e Felipe II. O rei da Espanha acabaria por sair-se vitorioso, apesar do apoio político francês ao pretendente português. Como dito anteriormente, o texto permaneceu em estado de manuscrito, até ser parcialmente publicado em 1953, pela primeira vez, graças à edição crítica de Suzanne Lussagnet, fartamente anotada. Mais recentemente, em 2006, o texto foi integralmente publicado, graças à edição semi-diplomática de Jean-Claude Laborie e Frank Lestringant, igualmente pródigo em notas, além de erudita apresentação.

*H2V* se compõe de 60 capítulos, em 391 páginas de texto da edição completa citada, sem contar os apêndices (“Glossário da língua de Thevet”, índices de nomes, coisas e lugares citados etc.). Posto que a obra é uma reescritura das *Singularidades da França Antártica*<sup>6</sup>, optamos por traduzir apenas os capítulos inéditos (10 ao total)<sup>7</sup>, perfazendo

---

<sup>6</sup> O primeiro livro de Thevet já foi naturalmente traduzido há muito tempo, a começar pela tradução de Estevão Pinto, publicada pela Companhia Editora Nacional, em 1944, na coleção Brasileira; posteriormente, Eugênio Amado fez nova tradução, em 1978, publicada conjuntamente pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, e a Editora da Universidade de São Paulo, na coleção Reconquista do Brasil. De lá para cá, houve apenas a tradução de alguns capítulos sobre o Brasil extraídos da *Cosmografia universal* de Thevet, publicada em 2009 pela Fundação Darcy Ribeiro, do Rio de Janeiro, na coleção Franceses no Brasil, com tradução de Raul de Sá Barbosa.

<sup>7</sup> A esses, quatro outros capítulos vêm se somar, dando coerência discursiva ao relato: o 1º capítulo (*L'embarquement de l'auteur*/Embarque do autor), que descreve os objetivos e circunstâncias da

aproximadamente 80 páginas de texto corrido, sem incluir as notas de rodapé, tomando por base a edição Laborie-Lestringant.

#### 4. A tradução

O desafio é conciliar lisibilidade textual, elegância gráfica e riqueza iconográfica com fidelidade histórica, relevância intelectual e precisão tradutória<sup>8</sup>. Historicamente falando, uma tradução integral da *H2V* poderia contribuir na medida em que permitiria ao leitor brasileiro conhecer a defesa que Thevet faz de suas posições, bem como as críticas que dirige aos adversários, tanto aos protestantes de Genebra, como Jean de Léry<sup>9</sup>, Urbain Chauveton<sup>10</sup> e Théodore de Bèze<sup>11</sup>, quanto a ex-auxiliares, como François de Belleforest<sup>12</sup>. Contudo, esse aspecto interessaria a um número relativamente pequeno de leitores potenciais, entre historiadores, especialistas e eruditos. Além disso, seria redundante difundir informações já anteriormente veiculadas, especialmente no primeiro livro de Thevet sobre o Brasil; o texto é diferente e há informações adicionais, é verdade, mas o conjunto não parece suficientemente relevante para justificar tal empreitada tradutória e editorial. Uma seleção se fazia necessário, a fim de levar ao grande público não apenas informações inéditas quanto relevantes. A escolha recaiu naturalmente sobre os capítulos que tratam do Nordeste, uma vez que são inéditos em língua portuguesa e que se caracterizam por ser a primeira descrição do interior das terras nordestinas escrita por um europeu.

---

viagem; o 39º (*Response aux libeles d'injures publiées contre le Chevalier de Villegagnon. Au lecteur Chrestien*/Resposta aos libelos injuriosos publicados contra o Cavalheiro de Villegagnon. Ao leitor cristão), incluído pelo fato de seu conteúdo ser mencionado no subtítulo da obra; os de nº 46 (*De nostre departement des terres Australes/De nossa partida das terras austrais*) e 47 (*Suite pour tirer à la mer du Peru/Continuação para prosseguir ao mar do Peru*), que descrevem a partida do Nordeste, em direção às Antilhas, percorrendo o caminho de volta à França.

<sup>8</sup> A tradução integral de *H2V* não está descartada, mas a questão necessitaria de ser tratada entre as partes, na hipótese de o projeto ser contemplado.

<sup>9</sup> Principal adversário do cosmógrafo católico, o protestante Léry (1536-1613) se notabilizou pela qualidade literária de sua narrativa de viagem ao Brasil bem como pela contundência das críticas que faz a Thevet, a quem acusa de “mentir cosmograficamente”, por ter inventado uma cidade (*Henriville*) às margens da baía de Guanabara, dentre outras críticas.

<sup>10</sup> Francês emigrado na Suíça por motivos religiosos, calvinista militante e poliglota humanista, Chauveton (?-1616) foi um dos principais articuladores do *front* urdido em Genebra como reação ao massacre perpetrado pelos soldados católicos espanhóis sobre civis protestantes franceses na Flórida, em 1565. Tradutor da *Nova história do Novo Mundo*, do italiano Benzoni (Genebra, 1579), Chauveton criticou a postura hispanófila de Thevet, dentre outros aspectos.

<sup>11</sup> Sucessor de João Calvino na liderança espiritual do protestantismo franco-suíço, Bèze (1519-1605) escreveu, dentre outras obras, *Les Vrais Pourtraits des Hommes Illustres en pieté et doctrine* (Os verdadeiros retratos dos homens ilustres em piedade e doutrina, Genebra, 1581) como contraposição à obra de mesmo título que Thevet preparava e que seria publicada três anos depois (Paris, 1584).

<sup>12</sup> Franciscano e cosmógrafo, ele foi um dos coautores das *Singularidades*, antes de se tornar um dos mais ferozes inimigos de Thevet.

O primeiro desafio tradutório consistiu em adequar o título original, excessivamente longo e anacrônico, pois nele aparecem termos geográficos que já caducaram, como *Índias Austrais e Ocidentais*. Era assim que cosmógrafos e cartógrafos se referiam à América do Sul e, por tabela, ao Brasil, nos séculos XVI e XVII. Geralmente desconhecidos do grande público, esses termos são conhecidos apenas no círculo relativamente restrito de especialistas e/ou historiadores. A simples substituição de “Índias Austrais e Ocidentais” por Brasil não daria tampouco conta do conteúdo, uma vez que optamos em traduzir apenas parte do relato, conforme dito anteriormente. Naturalmente, o nome Nordeste devia aparecer no título, mas não por simples substituição. Além disso, era preciso contemplar o aspecto comercial, uma vez que nossa intenção é difundir esta obra de Thevet junto ao grande público. Sendo assim, optamos por criar um título que sintetizasse o conteúdo da tradução. A solução que nos pareceu mais adequada foi traduzir *H2V* da seguinte maneira: *História de uma viagem ao Nordeste brasileiro*, por André Thevet. E talvez acrescentar um subtítulo, na capa: “Primeira descrição do litoral e interior nordestinos escrita por um viajante francês do século XVI”. Por razões de fidelidade histórica, será mantida o título original no interior da obra, antes da tradução dos capítulos selecionados. Na introdução, apresentaremos a devida justificativa ao leitor.

Diferentemente de Jean de Léry, mestre da *écfrase*, ou seja, a “*apresentação ou exposição* do efeito de presença de algo ausente” (HANSEN *apud* DAHER, 2013, p. 24), Thevet não era um escritor bem dotado. Por isso, contratou auxiliares para escreverem parte de seus textos, conforme já dito. A questão estilística, portanto, não é relevante em *H2V*, assim como não o é nas *Singularidades* e em outras obras do cosmógrafo. De maneira geral, as frases são desprovidas de refinamento e elegância, pois cumprem basicamente a função de informar e descrever. Apresentam, via de regra, uma sintaxe simples, em frases curtas, eventualmente acrescidas de apostos. Incidentalmente, contêm referências críticas aos seus adversários, corrigindo-os por erros supostamente cometidos. Excepcionalmente, a narrativa dá lugar a divagações e, ainda mais raro, a efusões líricas, tornando a tradução mais difícil, como quando o cosmógrafo descreve o estuário do rio Paraíba, chamado de São Domingos à época. Tocado pela beleza e tranquilidade do local, Thevet exclama, com um toque de lirismo e melancolia: « *C'est le plus beau lieu que lon sçauroit souhaitter, auquel j'ay désiré avoir moyen de vivre, et y finir mes jours* », que traduzimos assim: « É o mais belo lugar

que se poderia desejar, no qual sonhei ter meio de vida, e terminar meus dias por lá” (THEVET, *H2V*, p. 125).

Quanto ao francês do século XVI, a maior dificuldade diz respeito à ortografia variável das palavras e a ocorrência de expressões idiomáticas típicas da época, como por exemplo, *si que* (locução) = de maneira que; *oncques* (advérbio) = nunca; *ains* (conjunção) = mas etc. O “Glossário da língua de Thevet”, em apêndice à edição Laborie-Lestringant é de grande valia, neste quesito, bem como dicionários de francês do século XVI, como o de Edmund Huguet (*Dictionnaire de la langue française du XVIème siècle*), entre outros.

Outro desafio da tradução foi identificar os topônimos indígenas citados no texto; alguns poucos são facilmente reconhecíveis (*Fernambouc*, Pernambuco, *Camoucy*, Camocin, *Para*, Paraíba, *Tabatin*, Tabatinga, *Coppa*, Copaóba etc.), mas a maioria é de difícil localização; há que se lembrar que as notações eram aproximativas e não obedeciam a qualquer critério, além de provirem possivelmente de vários informantes; as diferenças fonológicas entre a língua tupi e o francês do século XVI certamente aumentavam as dificuldades, uma vez que há vogais nasais na primeira dessas línguas inexistentes na segunda, e vice-versa. Mesmo assim, surpreende a relativa fidedignidade com que muitas palavras tupis foram grafadas, como, por exemplo, *migaut* para mingau, *manioc* para mandioca, *Gyromous* para jerimum (p. 145), *cahouyn* para cauim (p. 146), *aquajoux* ou *acajou* para caju (p. 148), *Genipap* para jenipapo (p. 174) etc.

## 5. Conclusão

Antecipando-nos ao possível questionamento que um hipotético leitor de boa fé pudesse fazer a propósito da relevância em se publicar a tradução de um autor cuja credibilidade era contestada em vida e que ainda hoje suscita reservas, gostaríamos de fazer algumas ponderações. Como nós próprios colocamos – e que não procuramos em momento algum camuflar –, é certo que Thevet é uma personalidade intelectual polêmica, como o demonstram amplamente sua biografia e sua “fortuna” literária. Nosso propósito não é julgar moralmente a conduta pessoal nem a ética profissional de Thevet, mas tão somente resgatar a contribuição que ele deu, apesar de todas as críticas que podem lhe ser feitas, ao melhor conhecimento da realidade brasileira nas primeiras décadas da colonização, especialmente na segunda metade do século XVI. Resgatar e difundir junto ao público interessado e aos estudiosos uma narrativa de viagem pioneira



e inédita em língua portuguesa, pouco conhecida na própria França. Que Thevet tenha realmente feito duas viagens ao Brasil, ou não, ou que tenha de fato penetrado no Agreste pernambucano e no Brejo paraibano, ou não, ou que tenha pessoalmente explorado o estuário do rio Paraíba etc., ou não, são perguntas que permanecerão provavelmente sem respostas conclusivas, pois há indícios tanto contra quanto a favor.

Acreditamos que a tradução que estamos preparando da viagem de Thevet ao Nordeste pode dar uma contribuição, fornecendo elementos que ajudarão talvez a escrever um capítulo que falta na nossa historiografia: a presença francesa no Nordeste brasileiro nos primeiros anos da colonização. Para o público em geral, a tradução pretende fornecer uma leitura agradável, ainda que essa narrativa de viagem não seja particularmente notável do ponto de vista literário, mas que não deixa de despertar interesse, graças à relevância das informações geográficas e etnológicas que veicula. O relato interessa particularmente à história, geografia e etnologia de dois estados nordestinos, Pernambuco e Paraíba. Nesse último caso, há que se recordar que o relato de Thevet contém a primeira descrição conhecida da região em torno da atual João Pessoa, antes mesmo da fundação da cidade, uma vez que o cosmógrafo francês descreve a foz do rio Paraíba seus primeiros habitantes (Potiguaras e Tabajaras), além de algumas espécies animais (tatu, paca etc.) e vegetais (caju, macaxeira, abacaxi, jerimum etc.) locais. Além disso, o relato é o primeiro a descrever o interior da Paraíba, especialmente a Serra da Borborema (conhecida à época como Copaóba), uma vez que os franceses adentraram as terras em busca de ouro, prata e pedras preciosas. Nesse sentido, a *História de uma viagem ao Nordeste brasileiro*, de André Thevet, pretende ajudar a conhecer a primeira história da Paraíba, aquela que existiu antes mesmo da colonização portuguesa.

## 6. Referências bibliográficas

ADHEMAR, Jean. *Frère André Thevet*. Paris, Éditions Franciscaines, 1947.

DAHER, Andréa. *A oralidade perdida. Ensaios de história das práticas letradas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

LERY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre de Bresil*. Edition présentée, établie et annotée par Frank Lestringant. Paris, Le Livre de Poche,

LESTRINGANT, Frank. *André Thevet, cosmographe des derniers Valois*. Droz, Genève,

\_\_\_\_\_. *Sous la leçons des vents*. Paris, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2003.

\_\_\_\_\_. *Le Huguenot et le Sauvage. L'Amérique et la controverse coloniale, em France, au temps des Guerres de religion*. Paris, Aux Amateurs de Livres, 1990

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

THEVET, André. *Les Singularités de la France Antarctique (1557) (Le Brésil d'André Thevet)*. Paris, Editions Chandeigne, 1997. Tradução brasileira: *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte-São Paulo, Editora Itatiaia-Editora da Universidade de São Paulo, 1978. Tradução de Eugênio Amado.

\_\_\_\_\_. *Cosmographie universelle*. Paris, Les héritiers de Maurice de La Porte, 1575.

\_\_\_\_\_. *Cosmographie de Levant*. Lyon, Jean de Tournes & Guillaume Gazeau, 1554.

\_\_\_\_\_. *Histoire d'André Thevet, Angoumoisain, Cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faits aux Indes Australes et Occidentales*. Edition critique par Jean-Claude Laborie & Frank Lestringant, Droz, Genève, 2006.

\_\_\_\_\_. *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVIème siècle – Le Brésil et les Brésiliens, par André Thevet*. Choix de textes et notes par Suzanne Lussagnet. Paris, Presses Universitaires de France, 1953.

\_\_\_\_\_. *Les vrais portraits et vies des hommes illustres tant Chrestiens que Payens [etc.]*. Paris, veuve Jacques Kerver & Guillaume Chaudière, 1584.